

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**Fernando do Espírito Santo**

**Maicon Steffens Rios**

*Terra Orgânica*

*Agroecologia no campo e na cidade*

Crocomo

**RELATÓRIO TÉCNICO**  
do *Trabalho de Conclusão de Curso*  
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*  
ministrada pela Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Fernando Antonio  
no segundo semestre de 2017  
Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Fernando Antonio Crocomo

Florianópolis

Fevereiro de 2018

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b> <b>JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2017.2		
<b>ALUNO</b>	Fernando do Espírito Santo e Maicon Steffens Rios		
<b>TÍTULO</b>	Terra Orgânica: agroecologia no campo cidade		
<b>ORIENTADOR</b>	Profº Dr. Fernando Antônio Crocomo		
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>
	<input type="checkbox"/>	Reportagem Livro-reportagem ( )	( ) Florianópolis ( ) Brasil (X) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Televisão; Grande Reportagem em Vídeo; Jornalismo Ambiental; Agroecologia; Meio Ambiente; Alimentação		

## RESUMO

Este projeto é uma série de reportagens que relatam as experiências dos agricultores em produzir alimentos orgânicos. Se pretende revelar ao público o que é agroecologia, e expor os desafios enfrentados pelo pequeno agricultor no campo e na cidade. São duas reportagens: **1. Agroecologia no campo:** a reportagem mostra por meio de relato de agricultores, que tiveram problemas com o uso de agrotóxicos, e a transição do sistema de cultivo convencional para o agroecológico, e expõe os desafios enfrentados neste processo. A reportagem traz duas experiências de agricultores que abandonaram as práticas convencionais para migrar ao agroecológico. Cada experiência com características específicas de transição para prática agroecológica **2. Agroecologia na cidade:** a reportagem mostra as experiências do agricultor urbano no cultivo de alimentos orgânicos, e desfaz a imagem da cidade somente como produtora de resíduos, mas também aponta o meio urbano como ambiente propício à produção de alimentos. A reportagem mostra experiências individuais e coletivas de cultivo de orgânicos no meio urbano. Nas duas reportagens, as fontes são agricultores, representantes de organizações da sociedade civil e do serviço público.

## Sumário

1. RESUMO .....	7
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA .....	8
2.1. História do Movimento Agroecológico .....	8
2.1.1. Movimento Agroecológico no Brasil .....	8
3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO .....	10
3.1. Justificativa do Tema .....	10
3.2 Justificativa do Formato .....	11
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO .....	14
4.1. Pré-apuração .....	14
4.2. Apuração e Gravações.....	14
4.2.2. Fontes.....	15
4.2.3. Narrativa.....	17
4.3. Edição e Finalização.....	20
5. RECURSOS .....	22
5.1. Equipamentos .....	22
5.2. Outros.....	23
6. APRENDIZADOS E DIFICULDADES.....	24
7. REFERENCIAS.....	25
8. BIBLIOGRAFIA .....	26
9. ANEXOS .....	27
9.1. Textos de apoio .....	27

## AGRADECIMENTOS

Às nossas famílias que nos apoiaram em todos os momentos cruciais da vida, e não se restringiram somente aos anos da graduação, especialmente aos nossos pais: Dorival Oscar e Inês Lisbôa (Fernando), e Valéria Steffen e Amadeu Rios (Maicon), que nos momentos mais difíceis nos confortaram e nos aconselharam.

Eu, Nando, agradeço ao irmão, que emprestou sua máquina durante seis meses de produção, me ouviu, me aconselhou e filmou comigo. É meu irmão cármico. Obrigado Pedro Cureau, filho que a vida me deu. Agradeço a equipe da TV UFSC pelo apoio e paciência prestados.

Eu, Maicon, agradeço e dedico este trabalho àqueles que lá no início de minha graduação me deram apoio, amor e atenção. Aminha irmã, Katiana Rios, que deu sempre foi mina maior colega, amiga e parceira. A minha tia Lola e ao meu primo Marquinho, que me acolheram como filho e irmão. Sem eles talvez não tivesse ingressado no Curso de Jornalismo. Agradeço a Deborah, que “começou” essa graduação comigo e esteve presente nos momentos bons e jamais me abandonou nos momentos ruins. Agradeço a cada colega do curso, aos amigos técnico-administrativos e imensamente aos meus professores, que deixaram um pedacinho de si comigo. Agradeço aos meus amigos de profissão. A toda equipe do SBT SC que até hoje me inspira e me incentiva a fazer do Jornalismo uma missão de vida, em especial aos colegas jornalistas Luciane Toledo, que acreditou no meu trabalho e me incluiu em uma equipe sensacional, ao Fernando Machado e Marcos Franzoni, que mesmo sem perceber me inspiram todos os dias. Aos colegas do Píer 54 que me deram apoio antes mesmo de iniciar minha graduação. A sempre amiga Rosane Saraiva, que – quando ainda era um adolescente – acreditou que eu poderia mais, que poderia fazer o que eu quisesse. Meu muito obrigado ao amigo César Rosenthal, que cedeu diversos equipamentos para a gravação deste trabalho final.

Agradecemos ainda aos nossos amigos, Carlos, Fábio, Daniel, Eliza Della Barba, Eduardo, Larissa, Saulinho, Anitta, Juan, Josnei, Gilson, Octávio, Jorge, William, Anaíra, Jéssica, Guilherme e Tiago pela amizade e apoio. Ao meu Tio João Oscar um agradecimento especial pela disposição em me ajudar na conclusão deste projeto.

Agradecemos aos professores, Antônio Brasil, Cárilda Emerim, *Magrinho*, Valci, Gêssica, Janara, Áureo, Barreto, Rita, Raquel, Flávia, Samira, Ivan e Valentina. Cada um marcou nossas trajetórias por motivos diferentes, mas todos de forma muito especial. E ao nosso orientador, nosso mestre, *Fernandinho* Crocomo.

E um especial agradecimento aos técnicos da Rádio Ponto UFSC, Peter e Rock, e para os Técnicos do Laboratório de Telejornalismo Carlos Guião e Marco Antônio, sem a paciência de vocês nossa trajetória seria outra.

“Abre o camponês sulcos de arado na terra: no seu rosto rugas.”

*(Aníbal Beça, Jornalista)*

" Se for para semear, então que seja para produzir milhões de sorrisos, de solidariedade e amizade."

*(Cora Coralina, escritora)*

## 1. RESUMO

Este projeto é uma série de reportagens que relatam as experiências dos agricultores em produzir alimentos orgânicos. Se pretende revelar ao público o que é agroecologia, e expor os desafios enfrentados pelo pequeno agricultor no campo e na cidade. São duas reportagens: **1. Agroecologia no campo:** a reportagem mostra por meio de relato de agricultores, que tiveram problemas com o uso de agrotóxicos, e a transição do sistema de cultivo convencional para o agroecológico, e expõe os desafios enfrentados neste processo. A reportagem traz duas experiências de agricultores que abandonaram as práticas convencionais para migrar ao agroecológico. Cada experiência com características específicas de transição para prática agroecológica **2. Agroecologia na cidade:** a reportagem mostra as experiências do agricultor urbano no cultivo de alimentos orgânicos, e desfaz a imagem da cidade somente como produtora de resíduos, mas também aponta o meio urbano como ambiente propício à produção de alimentos. A reportagem mostra experiências individuais e coletivas de cultivo de orgânicos no meio urbano. Nas duas reportagens, as fontes são agricultores, representantes de organizações da sociedade civil e do serviço público.

**Palavras-chave:** Televisão; Grande Reportagem em Vídeo; Jornalismo Ambiental; Agroecologia; Meio Ambiente; Alimentação



## **2. APRESENTAÇÃO DO TEMA**

### **2.1. História do Movimento Agroecológico**

O conceito industrial de agronegócio com uso sem limites de agrotóxicos de um lado e a produção agroecológica de outro propondo uma melhor relação da humanidade com a natureza. Os defensores da agroecologia afirmam que é possível uma vida mais sustentável no campo e na cidade ao incentivar as práticas agroecológicas na produção, ao simplificar os circuitos de comercialização, eliminando intermediários, e as consequências dessas ações seriam melhores condições de trabalho no campo. A Agroecologia difere do sistema vigente de cultivo, que é baseado na monocultura e faz uso intenso de defensivos, e tem sistemas de comercialização complexos. O atual sistema de produção agrícola se fortaleceu a partir da década de 1950 e consolidou a Revolução Verde<sup>1</sup>

Foi justamente na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, em que a Revolução Verde começou a ser questionada, e se iniciaram as primeiras discussões sobre a cadeia produtiva na agricultura por meio do Movimento Agricultura Orgânica formado por pequenos produtores. Mais tarde apareceram outros Movimentos, no Japão a Agricultura Natural, na Áustria a Agricultura Biodinâmica, na França a Agricultura Regenerativa e nos Estados Unidos a Agricultura Biológica.

#### **2.1.1. Movimento Agroecológico no Brasil**

No Brasil há mais de 25 anos se discute a Agroecologia. Os questionamentos sobre o agronegócio e formas diferenciadas de produção agrícola tiveram início na sociedade civil com a criação de Organizações Não Governamentais (ONGs) para atuar no campo.

---

<sup>1</sup> O termo Revolução Verde diz respeito à criação e alastramento de novas sementes, técnicas e práticas agrícolas (uso de agrotóxicos) que impulsionaram a produção agrícola, e teve início nos Estados Unidos e na Europa a partir de 1950, nas décadas seguintes essas técnicas dominavam os campos de outros países.

O Movimento Agroecológico no Brasil, assim como em toda América Latina, tem características diferentes dos países mais desenvolvidos industrialmente. Em todas as partes do mundo predominava o forte vínculo político dos movimentos. Nos países industrializados pesava o fator econômico e de agregação de valor aos produtos naturais, no Brasil e em toda América Latina o Movimento Agroecológico tomou dimensões maiores, e atualmente, o conceito de agroecologia não está restrito à produção e agregação de valor aos produtos orgânicos.

### **2.1.2. A Agroecologia como instrumento de mudança social**

Os agricultores latino-americanos compreendem a Agroecologia como forma de resistência aos interesses das grandes empresas que dominam o agronegócio. Soberania e autonomia alimentar e de insumos para o pequeno produtor, este é o lema de diversas instituições, e tem como finalidade a independência do agricultor familiar em relação às grandes corporações do setor. A conquista da liberdade de decidir o que plantar, colher, comer e comercializar e como realizar este processo (da produção) agrícola é exemplo de resultados alcançados por redes agroecológicas espalhadas pela América Latina. Segundo Caporal (2012) é uma é uma proposta de mudança social:

Uma característica marcante da Agroecologia no Brasil é seu vínculo inextricável com a defesa da agricultura familiar camponesa como base social de estilos sustentáveis de desenvolvimento rural. Nesse sentido, o movimento agroecológico brasileiro destaca-se como um campo social e científico de disputa na sociedade, em defesa de mudanças estruturais no campo, aliando-se aos históricos movimentos camponeses e da agricultura familiar (com e sem-terra). (CAPORAL, 2012, p. 66).

Portanto, ainda segundo Caporal (2012) a Agroecologia é instrumento de conscientização nos âmbitos: ambiental, econômico e social. Conscientização que acontece no campo e na cidade, uma vez que a agroecologia também é promovida por ONGs nas cidades por meio da

agricultura urbana.

Em Florianópolis, a mais antiga organização atuando no setor é o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro), que desde 1990 atua na extensão rural voltada para a agroecologia e está localizada no Centro de Ciências Agrárias da UFSC. O Cepagro colabora com a Rede Ecovida<sup>2</sup>, responsável por organizar 4.500 famílias produtoras de orgânicos em toda Região Sul do país, e têm como foco a mudança do sistema convencional de agricultura para o sistema agroecológico. Essa rede agroecológica, inclusive, promove práticas agroecológicas como alternativas a problemas de saúde pública nos centros urbanos, a exemplo da Revolução dos Baldinhos na comunidade Chico Mendes. Após uma epidemia de leptospirose a comunidade passou a separar resíduos orgânicos em pequenos baldes para compostagem eliminando as sobras de alimentos para os ratos. O resultado desse cuidado foi a queda dos casos de leptospirose e a formação de hortas orgânicas tratadas com a compostagem resultante dos resíduos orgânicos descartados pelos moradores. O projeto coordenado pelo Cepagro foi contemplado com o Prêmio Tecnologias Sociais do Banco do Brasil em 2015.

### **3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO**

#### **3.1. Justificativa do Tema**

Por meio do tema escolhido, se pode expor ao público a visão do agricultor sobre agroecologia. Também é possível identificar, discutir e mostrar soluções para as dificuldades enfrentadas pelos agricultores no processo de produção do sistema agroecológico, como mostrado na reportagem “Agroecologia no Campo” onde a família Voges não utiliza fitossanitários, produto liberado pelos órgãos fiscalizadores à produção de orgânicos. Ao invés disto, preferem plantar e conservar a pimenta malagueta para usar nas

---

<sup>2</sup> Rede Ecovida conta com 28 núcleos regionais, espalhados pela região Sul do Brasil, e aproximadamente 4.500 famílias de agricultores organizados em grupos, associações e cooperativas; e atuam nela cerca de 25 ONGs.

plantações. Outro exemplo, está na compostagem, tema abordado na reportagem Agroecologia na cidade, que discute formas de reaproveitamento do lixo orgânico.

O nosso interesse por esse tema é anterior à nossa entrada no curso de jornalismo, pois, como nativos da região nossa origem está nas famílias que pescavam e plantavam, os híbridos que viviam por terra e mar, “os anfíbios”, como Franklin Cascaes gostava de chamar. Nosso interesse em desenvolver esse trabalho e mostrar como são as práticas de cultivo através da agroecologia se dá pela história dos nossos antepassados.

No curso de Jornalismo da UFSC são poucos os colegas que falam em comunicação rural, portanto, buscamos por meio dessa produção incentivar outros estudantes a produzirem outros conteúdos que falam dos problemas no campo e como as práticas do meio rural podem auxiliar nos problemas da cidade, e vice-versa.

### **3.2 Justificativa do Formato**

Agroecologia é um tema bastante delicado e complicado de se abordar, pois o termo significa muito mais que produção de orgânicos para estudiosos do setor e para os produtores. Nos eventos sobre o assunto, se discute bastante, como a mídia propaga preconceitos e informações equivocadas sobre os produtos de origem orgânica. Além disso, existem muitas reclamações de agricultores e técnicos que atuam na extensão rural. Eles não se vêem representados nos veículos de comunicação. Não há uma conexão entre os jornalistas e os homens e mulheres do campo. Sobre essa desconexão Medina (2009) diz em entrevista para Julio Cesar Iespost:

(...) O jornalista, que é formado e urbano, ao entrar especificamente na televisão, mas também na própria imprensa, na rádio, tem uma tendência a uma linguagem que é padronizada... padronizada em função de uma unidade territorial, basicamente urbana; urbana litoral e se possível hegemonicamente do eixo São Paulo – Rio. Essa hegemonia da linguagem muitas vezes impede que haja uma dialogia social (...) (IESPOST, 2009, p. 116)

A exceção seria o programa dominical Globo Rural. O sucesso do programa e a empatia que ele provoca tanto no campo quanto na cidade pode estar na forma como os repórteres desenvolvem a pauta e também na linguagem empregada.

Para Medina, o programa prestaria serviço de informação sobre o meio rural sem desvirtuar a imagem real do pequeno produtor preservando suas características e rituais campestres. Para a pesquisadora, há grande interface do “fazer agrotécnico” com a cultura do campo, resultando em abordagens antropológicas nas pautas do Globo Rural, em entrevista para Julio Cesar Iespost, Medina (2009) ainda reforça que:

O Globo Rural desenvolveu, então, uma aproximação com a linguagem rural, de tal maneira que grande parte de seus repórteres, praticamente todos, aprendeu ou teve que aprender a conversar com o homem do campo (...) o homem do campo, que cada vez mais é urbano, tanto no Brasil como no mundo, mais de qualquer maneira que mantém muitos vestígios da ancestralidade rural, principalmente no tempo de expressão. E o tempo de expressão urbano é a coisa do pique global, do Jornal Nacional, enquanto que o homem do campo tem pouco tempo na linguagem para se expressar. Essa foi uma das grandes virtudes do Globo Rural. (IESPOST, 2009, p. 114)

Medina foi enfática quando se referiu às formas narrativas e às linguagens utilizadas nos telejornais ao comparar o Jornal Nacional com o Globo Rural, e deixou claro a distinção entre o telejornal diário de trinta minutos de duração e o telejornal semanal de (1h) uma hora de duração. Em telejornal diário como o Jornal Nacional, o foco central é a notícia, e possui uma linguagem padronizada e sincronizada na fórmula *off+passagem+sonora+off*. Em telejornal com mais tempo de duração como o Globo Rural, a notícia é mais contextualizada, e existe possibilidades de criação e inovação, sem fórmulas fechadas, e de linguagem acessível a todos.

Conseguimos trazer esse conceito ao nosso projeto, em um formato e linguagem híbrida que permeia entre a Grande reportagem em Vídeo e o Documentário. Para a reportagem “Agroecologia no Campo” foi necessário maior intervenção do repórter com passagens para fazer as ligações

necessárias entre os temas abordados, tomando forma da Grande Reportagem em Vídeo. Para a reportagem “Agroecologia na Cidade” a intervenção do repórter é mais evidente no texto *off*, com pouca intervenção em passagens assumindo um formato mais documental, uma vez que os depoimentos dos entrevistados se conectavam, e exigiu pouca intervenção do repórter.

A opção pelo formato híbrido foi tomada na concepção do projeto. Portanto, assumimos como base para a realização do trabalho o formato e a linguagem híbrida, e adotamos o conceito do “Subgênero Documentário Televisivo” como fundamentação teórica ao projeto, ainda que não seja consenso no meio acadêmico:

“É possível concluir que o subgênero documentário televisivo ainda carece de consensos acerca de sua linguagem ou formato, já que os programas reconhecidos como integrantes deste subgênero, são em alguns textos chamados de documentários e em outros como reportagens. Isso pode conduzir a uma comprovação de que o hibridismo é uma característica dominante do subgênero que está em constante reconfiguração pelas emissoras, na busca por atender as expectativas de informação e entretenimento dos seus telespectadores.”  
(ANDRADE, 2012)

Andrade também cita a busca dos veículos de comunicação pela atenção dos telespectadores, e a ansiedade em atender os desejos do público por entretenimento e informação, algo que o Globo Rural conseguiu realizar. No programa há espaço para a grande reportagem em vídeo, que tem maior liberdade estética que as reportagens dos telejornais diários, e possibilita uma produção de linguagem mais acessível aos homens e mulheres do campo, em que eles se veem representados. Por estes motivos adotamos o formato em vídeo, com linguagem híbrida, que transita entre a Grande Reportagem em Vídeo e o Documentário, para maior liberdade de criação e contextualização, e para uso de linguagem que promova o diálogo com os agricultores.

## **4. PROCESSO DE PRODUÇÃO**

### **4.1. Pré-apuração**

A pré-apuração começou no primeiro semestre de 2017, por meio de experiências profissionais, de um dos graduandos, durante período de atuação em uma ONG relacionada ao tema. Foi no Cepagro, Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Campo, que grande parte das fontes foram encontradas. A organização é voltada para dar assistência a famílias de produtores que optam pelo sistema agroecológico. Juntamos então a experiência empírica, do estudante que praticava a agroecologia, com a experiência teórica, obtida durante o período de bolsa do estudante no Cepagro.

Foi durante a cobertura de eventos voltados ao tema que algumas de nossas futuras fontes foram encontradas. As experiências e história nos motivou a abordar o tema em uma série de reportagens que mostram a realidade das técnicas da agroecologia. Como gostaríamos de mostrar tanto a produção no campo, quanto na cidade, resolvemos dividir a produção em meio urbano e rural. Isso já estava decidido desde o momento de pré-apuração.

Durante a pré-apuração também iniciamos leituras e passamos a analisar telejornais, principalmente o Globo Rural. Entre as leituras, estão artigos científicos em comunicação, jornais online sobre o agronegócio e a vida no campo e artigos de opinião na internet. O que mais nos chamou atenção foi o artigo “Globo Rural sobrevive fiel à linguagem do homem do campo”<sup>3</sup> da jornalista Maura Martins para o site *A escotilha*, ela sintetiza as estratégias usadas pelo programa dominical em se comunicar com o homem do campo, como também faz considerações sobre a preservação da memória coletiva, da arte e da cultura popular.

### **4.2. Apuração e Gravações**

#### **4.2.1. Da Apuração: o *Fake News***

Na apuração detectamos um caso de *Fake News*. A informação que “70% do alimento da mesa do brasileiro vinha da agricultura familiar era falsa. Ao checar a

---

<sup>3</sup> <http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/canal-zero/globo-rural-sobrevive-fiel-linguagem-do-homem-do-campo>

informação encontramos um artigo do Prof°. Dr° Rodolfo Hoffmann da unicamp, filho de agricultores, que desmente a informação. Hoffmann (2014) afirma. “Autoridades afirmaram que a agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil. A afirmativa é falsa. O valor monetário de toda a produção da agricultura familiar corresponde a menos de 25% do total das despesas das famílias brasileiras com alimentos.” Em outro trecho da nota técnica que publicou na Revista Segurança Alimentar e Nutricional da Unicamp, sustenta que mesmo os 25% que ele mesmo afirma ser o valor das despesas das famílias brasileiras com alimentos pode estar equivocada. A aparente contradição, na verdade mostra o quanto é difícil mensurar o que de fato está na mesa do brasileiro. Um produto industrial pode ter componentes de produtos oriundos da agricultura familiar, e outro produto agroindustrial familiar, como um doce de coco, por exemplo, pode ter um componente produzido em larga escala com sementes transgênicas oriundas de grandes propriedades rurais, o açúcar, por exemplo.

Em outro trecho ele afirma:

“É praticamente impossível avaliar, com precisão razoável, qual é a parcela da matéria-prima usada na produção dos alimentos consumidos no Brasil que se origina da produção da agricultura familiar. Seria necessário analisar, pormenorizadamente, os canais de comercialização de todos os alimentos e das respectivas matérias-primas. Além disso, de um ponto de vista econômico, não é correto considerar apenas os fluxos físicos de mercadorias.” (HOFFMANN, 2014)

Resolvemos portanto, não utilizar a informação nas reportagens.

#### 4.2.2. Fontes

Todas as fontes utilizadas estão, de alguma forma, ligadas a agricultura. Produtores, membros de ONG's, políticos, órgãos fiscalizadores e especialistas no assunto compõe relatos que convergem em uma opinião parecida e que foi também adotada nas reportagens.

#### Painel de Fontes:

<b>Agroecologia no Campo</b>	
<b>Amilton Voges</b>	Agricultor de Santo Amaro da Imperatriz co-fundador da Empresa Recanto da Natureza. Teve problemas com agrotóxicos em 1991. Fez transição para a agroecologia após intoxicação no sangue.



Charles Lamb	Coordenador da Equipe de assistência técnica em Agroecologia na Centro de Estudos e Promoção de Agricultura em Grupo, organização que atua há 27 anos na agroecologia.
Edésio Voges	Agricultor de Santo Amaro da Imperatriz co-fundador da Empresa Recanto da Natureza. Coordena toda a produção orgânica da propriedade de 220km <sup>2</sup> , que é modelo de negócio de produção em grande escala em hortaliças orgânicas. Modelo de agricultura familiar de médio-grande porte há mais de 20 anos no mercado.
Eduardo Rocha	Presidente da ONG Cepagro e representante no Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Atua há 20 anos no setor de produção de alimentos. Comanda o Cepagro para a liderança na rede Latinoamericana de Agroecologia com apoio da IAF – International Foundation American, e outras entidades internacionais de fomento às organizações que trabalham com meio ambiente e sustentabilidade
Família Marinho, Agricultores de São João do Sul	Agricultores do Extremo Sul de Santa Catarina que iniciaram a transição orgânica em menos de 4 anos. Modelo de agricultura familiar de pequeno porte que investe na agroecologia
Marcelo Fraga – Cidasc	coordena um programa de monitoração de agrotóxicos em produtos da agricultura familiar.
Mario Verissimo	Engenheiro Agrônomo da Cidasc que atua na fiscalização e registro de insumos e defensivos agrícolas.
Paulo Tagliari - Epagri	Foi coordenador do programa específico em Assistência Técnica em Agroecologia da Epagri de 1998 a 2008.
<b>Agroecologia na Cidade</b>	
David Soares	Voluntário na Horta Comunitária do Parque Cultural do Campeche – Pacuca. A Horta é um exemplo coletivo de iniciativa de agricultura urbana
Julio Mesquita, agrônomo Cepagro	Facilitador em cursos e palestras sobre a compostagem. Dá suporte técnico para a Revolução dos baldinhos em Florianópolis
Marcus José de Abreu	Vereador de Florianópolis e co-autor do Plano Municipal de Agricultura Urbana
Sônia Jendiroba, agricultora de Florianópolis	Moradora do bairro Ratoões, cultiva hortaliças e fez a transição total de suas terras para o sistema agroecológico de cultivo. Lídera o núcleo agroecológico do Litoral catarinense dentro da Rede Ecovida. Exemplo de iniciativa em média escala de produção de orgânicos dentro da cidade.

Rafael Venuto, Jornalista	Cultiva alimentos orgânicos em seu apartamento. Exemplo de iniciativa individual em agricultura urbana
------------------------------	--

Para as fontes oficiais, ou seja, representantes do poder público e ONGs o contato e o agendamento foi pelas vias burocráticas em alguns casos como da CIDASC e da EPAGRI foi necessário o a aprovação do Setor de Comunicação das empresas.

Os agricultores foram os contatos mais difíceis para agendamento. Entre os produtores urbanos, apesar de mais solícitos em dar depoimentos urbanos, a dificuldade foi a sincronia de agendas. Já os produtores do campo as dificuldades foram maiores.

Com a família Marinho tivemos mais de 6 meses de negociação. Até que no dia 07 de janeiro de 2018 viajamos a São João do Sul para realizar a entrevista. As mulheres da família não quiseram aparecer diante das câmeras e, para entrevistar toda a família seria mais conveniente para eles que todos juntos sentassem próximos com as câmeras mais afastadas possível. Nós atendemos o pedido, ainda que ele tenha sido feito em olhares, gestos e tímidos sorrisos, mas não em palavras. O que nos propiciou uma experiência interativa, principalmente para o repórter. Uma vez que, a conversa tomou caráter informal, foi benéfico e confortável para os entrevistados e também para nossa experiência como graduandos, além de contribuir para maior leveza na reportagem. As câmeras não os enquadraram no terço como manda a regra de qualquer boa fotografia, mas os colocaram em uma situação em que a imagem os mostra unidos por um ideal. Seria muito mais difícil deixar o vídeo atrativo se entrevistássemos um por vez.

#### **4.2.3. Narrativa**

No início pensamos em ser uma reportagem narrada pelos personagens, com poucas intervenções do repórter, mas isso se caracterizou mais na reportagem “Agroecologia na Cidade”.

Para a reportagem “Agroecologia no Campo” deixar a narrativa apenas na boca dos entrevistados com pouca intervenção do repórter poderia gerar alguns problemas:

- a) A sensação de intimidação que a câmera traz a qualquer pessoa principalmente ao homem do campo. (Temos gravações atestando este fato)
- b) Nem todos os agricultores gostariam de relatar problemas com agrotóxicos e contar suas experiências ruins. (Foi algo muito difícil de coletar dos entrevistados)
- c) A opção por grande reportagem em vídeo em detrimento da empregada em documentário, foi justamente para explicar ao público alvo, de forma pedagógica os acontecimentos do campo, especificamente da agroecologia. Para tal, seria difícil a não intervenção do repórter diante da dificuldade natural que tem o homem do campo em se expor.

Para solucionar a questão da narrativa pontuamos o seguinte:

1. Como já observado, adotamos o formato subgênero Documentário Televisivo da Grande Reportagem em Vídeo. Construir uma narrativa dentro deste formato, ainda que, com maior liberdade na construção estética, seja textual ou imagética, foi necessário ter um “fio condutor” para cada história.
2. No caso da reportagem “Agroecologia na Cidade” o elemento norteador da reportagem foi a Compostagem.
3. Na “Agroecologia no Campo” foram as famílias, para sermos mais precisos, foi a comparação implícita na reportagem entre as famílias.

Portanto, a reportagem “Agroecologia no Campo” teve como “fio condutor” a comparação entre as famílias. Os Voges iniciaram há 21 anos na agroecologia, os Marinhos há 3 anos. Mas a diferença crucial estava no tamanho da propriedade - uma mais de 10 vezes maior que a outra – na estrutura de gerenciamento, e na obtenção da certificação orgânica. Os Voges são certificados por empresas privadas que atuam no setor, os Marinhos pertencem a um grupo de certificação social, a Rede Ecovida de Agroecologia.

Comparar as famílias, contando primeiro a história de quem lutou há 20 anos

atrás para cultivar alimentos orgânicos, e em seguida relatar as experiências de quem está começando foi o ponto encontrado para construir a narrativa da matéria, ainda que esta comparação esteja implícita. Esta comparação permitiu a montagem de uma estrutura narrativa que se aproximou das empregadas em grandes reportagens para a televisão, em detrimento da linguagem documental, uma vez que o repórter faz várias passagens para ligar os fatos e construir uma narração mais direcionada, que produza sentido ao tema.

Contrariando as nossas expectativas, o depoimento da fonte Júlio Maestri seria o “fio condutor” para narrar a reportagem “Agroecologia na Cidade”, a partir da compostagem. Tínhamos a convicção que a entrevista do Vereador Marquito, coautor do Plano Municipal de Agricultura Urbana, seria suficiente para alavancar a narrativa. Mas, o depoimento do agrônomo Júlio Maestri se mostrou mais convincente, à medida que, tem argumentações mais consistentes e possui ligações com as entrevistas de outras fontes, e facilitou a construção de uma narrativa de linguagem próxima do documentário, com poucas intervenções do repórter e conexões entre as falas dos entrevistados.

Durante a nossa trajetória na graduação, poucas vezes, discutimos a linguagem híbrida em vídeo, ainda que existam formatos híbridos como as produções multimídias, em que o texto, a fotografia e o vídeo têm conexões, não se discute a base teórica, a fundamentação dessas produções, pelas características do curso, que é mais voltadas às práticas, ao “saber fazer”. E deve-se apreender que formato não é sinônimo de linguagem. Muitas produções multimídias, ainda que estejam o tema da produção seja o mesmo na fotografia, no som e no vídeo, cada suporte exige narrativas diferentes, linguagens e formas de contar diferentes.

A produção em vídeo tem uma diversidade de subgêneros de formato e linguagens, que dificulta a distinção, tanto no mercado quanto na academia, do que é um produto jornalístico, cinematográfico ou documental, e às vezes convergem todos esses elementos:

“As relações entre o documentário e o jornalismo remontam aos primórdios do próprio cinema, se considerarmos que aquelas imagens inaugurais dos irmãos Lumière, mostrando cenas prosaicas como a saída dos operários da fábrica ou a chegada do trem à estação, são documentais e ao mesmo tempo jornalísticas, por retratarem aspectos da vida cotidiana.” (ORTIZ, 2009).

Os nossos pontos de referências teórico-práticos estavam construídos, bem fundamentados e partimos então para a Edição final do projeto.

### **4.3. Edição e Finalização**

A edição técnica foi feita em computador pessoal por meio do software Adobe Premiere Pro CS 6.0. Na maior parte do tempo não houve dificuldades no uso do programa, pois havia trabalhado na edição de vídeo em pelo menos três disciplinas no curso e um dos estágios feitos na Universidade, e no mercado de trabalho.

Quanto às técnicas de montagem, recebemos instruções do nosso orientador em relação a reportagem “Agroecologia no Campo”. Foram instruções técnicas, para produzir sentido à narrativa e direcionar a montagem das reportagens, com objetivo de atender as expectativas de linguagem que queríamos abordar. Para ambas as reportagens tomamos algumas decisões na edição:

#### **Para a reportagem “Agroecologia no Campo”:**

- a) Introduzir a reportagem com passagem do repórter, assumindo logo na entrada da matéria o formato Grande Reportagem.
- b) Na entrevista da fonte Matheus Fraga (CIDASC), optamos por colocar um efeito “Dip Black” logo na entrada da sua fala: “Definir o que é origem foi o que a lei não fez” quebrando propositalmente qualquer expectativa positiva que havia no texto *off* que antecede sua fala. O texto *off* traz a informação: “A lei em Santa Catarina é a mais rigorosa do país, que proíbe a comercialização no Estado de agrotóxicos que são proibidos no país de origem”
- c) Na entrevista da fonte Paulo Tagliari (EPAGRI), optamos por colocar propositalmente uma imagem de folha de alface fora de foco, em seguida com foco bem nítido na folha, fazendo uma espécie de transição, justamente no ponto em que o entrevistado relata sobre a transversalidade do tema agroecológico dentro da EPAGRI, sem uma política que prioriza projetos exclusivos em agroecologia. A intenção, por meio da imagem, é reforçar na mente do telespectador essa transversalidade, ou seja, a não priorização.
- d) As mentes da cultura ocidental são condicionadas a ler da esquerda para a direita. Já é consenso entre os fotógrafos e outros profissionais da imagem que nosso olhar bate primeiro no canto superior esquerdo da imagem. Na composição da

cena da família Marinho durante a entrevista, a imagem original é com o seu Adailton, o patriarca da família no lado esquerdo. Mas ele está todo o tempo tomando chimarrão, e selecionamos em maior quantidade as falas dos filhos Alisson Marinho e Allan Marinho, porque eram mais interessantes para a construção da narrativa. Portanto, com recurso do Adobe Premiere invertemos a imagem, para quando o telespectador olhar a imagem sua atenção seja direcionada ao filho que mais argumenta. Abaixo segue print da imagem original e imagem invertida.



### **Para a reportagem “Agroecologia na Cidade”**

- a) Na edição da reportagem priorizamos uma introdução com os depoimentos dos entrevistados, tomando forma mais aproximada do documentário.
- b) Na edição usamos o que podíamos das imagens de Gopro. Aproveitamos bastante as boas imagens que documentam o momento de contato dos entrevistados com a terra e com as plantas. A Gopro, geralmente indicada para atividades em movimento, traz um recurso interessante na composição da cena e da narrativa, porque ela infere uma quebra de expectativa no telespectador.



- c) A montagem priorizou a linguagem documental do vídeo, facilitou uma narrativa cadenciada onde o uso de recursos imagéticos ficou empregado para produção de sentido e ligações entre os conteúdos.

Nas duas reportagens priorizamos imagens detalhadas das plantas. Na produção dessas imagens já pensávamos na cobertura dos textos *offs* e na possibilidade de prender o telespectador com a beleza da natureza, muitas vezes em volta dele, e que passa imperceptível.



Planta em detalhe -  
Agroecologia na Cidade



Pitanga em detalhe -  
Agroecologia no Campo

## 5. RECURSOS

### 5.1. Equipamentos

As gravações foram realizadas com as seguintes câmeras: 2 Canon T5i e T3, e a Nikon D300. Equipamentos dos laboratórios de telejornalismo e fotojornalismo e outros emprestado por amigos. Utilizamos quatro câmeras nas gravações, nem sempre todas ao mesmo tempo, e uma go pro. Utilizamos lentes 18-55 mm, 40 mm e

100 mm. Boa parte das entrevistas foi feita em uma Canon T3i com lente 40mm fixa para capturar a imagem e uma Sony para a gravação do áudio. Utilizamos para a captura do áudio microfones de lapela com fio e sem fio. Outros equipamentos que utilizamos: três HD's externo para backup dos materiais, dois notebooks para a edição das imagens, seis cartões de memória, e um pen drive.

<b>Descrição</b>	<b>Preço</b>	<b>Aquisição</b>	<b>Origem</b>
<b>Microfone Lapela s/fio</b>	R\$ 250,00	Empréstimo	Labtele-JorUFSC
<b>Microfone Lapela c/fio</b>	R\$120,00	Empréstimo	Labtele-JorUFSC
<b>Cartão de memória (4)</b>	R\$ 320,00	Próprio	Próprio
<b>Tripé (2)</b>	R\$ 320,00	Empréstimo	Labtele-JorUFSC
<b>HD externo (3)</b>	R\$ 360,00	Próprio	Próprio
<b>Canon T5i (2)</b>	R\$ 6.000,00	Empréstimo	Amigos
<b>Canon T3</b>	R\$ 3,000,00	Empréstimo	Amigos
<b>Nikon D300</b>	R\$ 2.500,00	Empréstimo	Labfoto
<b>Objetivas 28/40/55/100mm f/2.8D (4)</b>	R\$ 4.000,00	Empréstimo	Amigos
<b>Total</b>			<b>R\$16.870,00</b>

A maioria dos materiais foi emprestado de amigos e dos laboratórios do curso de Jornalismo. Os equipamentos próprios que utilizamos foram os notebooks, HD's externos, pendrive e alguns cartões de memória.

A tabela acima mostra os valores atuais de mercado dos equipamentos, por mais que o valor seja alto, o gasto que tive foi a compra do HD externo e dois cartões de memórias para as câmeras.

O gasto total com recursos próprios foi de R\$ 260,00. Não houve gastos com os equipamentos pois tive a ajuda de amigos e amigas no empréstimo da maioria deles.

## **5.2. Outros**

Outros gastos que tivemos foram com deslocamentos. Grande parte das gravações ocorreram em Florianópolis, com exceção de uma gravação na cidade de São João do Sul. Utilizamos veículo próprio e na maioria das gravações enquanto um filmava, outro fazia a entrevista. Em algumas gravações, quando um dos integrantes não podia participar, contamos com o auxílio do colega Pedro Cureau e do servidor técnico-administrativo do Laboratório de Telejornalismo Carlos Henrique Guião. Além



dos gastos com equipamentos, foi necessário realizar alguns deslocamentos para a produção do trabalho.

Todo o trabalho de pós-produção, tratamento de imagens e elaboração da identidade visual ficou por nossa conta.

<b>Descrição</b>	<b>Valor</b>	<b>Aquisição</b>
Deslocamentos por Florianópolis	R\$ 800,00	Recursos próprios
Produção	R\$ 8.360,00*	-----
Artes	R\$ 380,00*	-----
Edição	R\$ 8.360,00*	-----
Pós produção	R\$ 400,00	-----
<b>Total</b>	<b>R\$ 18.300,00</b>	

\*Valores proporcionais à tabela do Sindicatos do Jornalistas de Santa Catarina. <  
<http://jornalistas.sjsc.org.br/tabela-de-freelas/>> (Acessado em 14/10/2016)

## 6. APRENDIZADOS E DIFICULDADES

Trabalhar em dupla foi a maior dificuldade. Foram 6 meses de planejamentos não cumpridos, roteiros não realizados, entrevistas refeitas, agendas anacrônicas e pressões para todos os lados, principalmente no último momento. Mas o projeto saiu do papel.

As maiores dificuldades foi extrair informações das fontes oficiais, que representam entidades governamentais como a Cidasc e a Epagri. Sempre preparados para uma resposta rápida, tivemos que indagar muitas vezes sobre o mesmo assunto para coletar informações.

Já estávamos preparados para a resistência do agricultor do campo, e conhecemos os “macetes” necessários para adentrar o mundo dessas fontes. Mas, mesmo assim, entrevistas com câmeras sempre intimidam qualquer pessoa, e trabalhar a timidez das fontes do meio rural foi um problema, uma barreira que com jeito e cuidado conseguimos transpor.

Na pauta Agroecologia na Cidade foram poucas as dificuldades, as fontes estão abertas a falar sobre o tema e mostrar seus trabalhos. Além disso, tudo ficou em torno de Florianópolis

## 7. REFERENCIAS

ANDRADE, Ivanilse. **Cinema e Telejornalismo no Documentário Televisivo Brasileiro**. P 265-283, cadernos de comunicação, UFSM (v.16, n.2, Jul-dez 2012). Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/6993> acessado em 10/02/2018.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia e políticas públicas na América Latina: O caso do Brasil. Agroecologia**. Múrcia, V.6, P.63-74, Janeiro. 2011.

HOFFMANN, Rodolfo. **A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil?** : p 417 – 421, v 21, nº1, 2014. Revista Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, SP, Brasil, 2014. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/1386> acessado em 10/01/2018.

MEDINA, Cremilda. **A grande-reportagem na televisão brasileira: Um estudo do Globo Rural**, p 190, 2009. Entrevista concedida à Julio Cesar Degl's Iespoti. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-na-televis%C3%A3o-brasileira.pdf> acessado em 21/12/2017.

ORTIZ, Pedro. **Documentário e Telejornalismo: Interações e diálogos possíveis nas narrativas das grandes reportagens para tv**. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, Brasil, 2009. Disponível em [http://administrativocasper.fcl.com.br/rep\\_arquivos/2011/06/22/1308779013.pdf](http://administrativocasper.fcl.com.br/rep_arquivos/2011/06/22/1308779013.pdf) acessado em 02/02/2018

## 8. BIBLIOGRAFIA

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BRASIL, Antônio Claudio. **Telejornalismo imaginário – memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV**. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2012.

BRASIL, IBGE. **Censo Agropecuário 2015**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/forum\\_questionario\\_censoagro2015/2\\_Forum\\_Censo\\_Agropecuario\\_2015.pdf](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/forum_questionario_censoagro2015/2_Forum_Censo_Agropecuario_2015.pdf). Acessado em: 20/06/2017

BRASIL. Ministerio da Agricultura. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica** Brasília, 2013. Disponível em: [http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_img\\_19/BrasilAgroecologico\\_Baixar.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_19/BrasilAgroecologico_Baixar.pdf). Acessado em 20/06/2017.

CAPORAL, Francisco Roberto . Agroecologia e políticas públicas na América Latina: O caso do Brasil. **Agroecologia**. Múrcia, V.6, P.63-74, Janeiro. 2011.

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2012.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

LA RUE, Saulo. A grande-reportagem entre o mercado e a academia. In: 187 DUARTE, Elizabeth Bastos. CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2006

MEDINA, Cremilda. **A grande-reportagem na televisão brasileira: Um estudo do Globo Rural**, p 190, 2009. Entrevista concedida à Julio Cesar Degl's Iespoti. Disponível em :<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-na-televis%C3%A3o-brasileira.pdf> acessado em 21/05/2017

WOLFE, Tom. O último herói americano. In: WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Joralismo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. 4ª ed. São Paulo: Roca, 2007

## 9. ANEXOS

### 9.1. Textos de apoio

#### Agroecologia no Campo

OFF 1:

Um dos irmãos que seu Edésio fala é seu Amilton, que passou por alguns perrengues por causa do uso descontrolado de agrotóxicos.

OFF 2:

Se um agricultor orgânico agir de má fé pode ser penalizado, a ponto de sair do cadastro Nacional de produtor orgânico O cadastro pode ser consultado no site do Ministério da Agricultura

OFF 3:

A Legislação em Santa Catarina é a mais rigorosa do país e proíbe a comercialização no Estado de agrotóxicos que também são proibidos no país de origem.

OFF 4:

Existem também os produtos fitossanitários.

OFF 5:

Os voges preferem nem usar fitossanitários. Mesmo produzindo em grande escala optam por um método de proteção das plantas baseado no conhecimento popular.

OFF 6: A família Voges está neste negócio desde 1997. Cultivando em uma propriedade de 220Km<sup>2</sup>. Cresceram tanto que contrataram uma empresa privada de certificação orgânica.

OFF 7: Os três irmãos Alisson, Allan e Alexandre juntos com o pai, o seu Adailton, são responsáveis pela gestão da propriedade, além de residirem no local e fazer todo o trabalho pesado.

E gostam tanto da terra, que fizeram questão contar mais sobre a produção de Pitaia, um cactus de origem asiática que caiu no gosto dos produtores da região.

OFF 8: Na propriedade dos Marinhos tem de tudo de tomates a aipim mas a Pytaia que é o carro chefe da produção. Esta é a variedade mais nutritiva, por dentro a textura é parecida com kiwi.

OFF 9: A família faz parte da Rede Ecovida de Agroecologia. Os agricultores desta rede não dependem de grandes empresas auditoras, eles conseguem os selos de alimento orgânico fiscalizando uns aos outros. A um custo muito menor do que é cobrado pelas empresas privadas.

OFF 10: Toda produção agrícola precisa de assistência técnica de qualidade. Mas os agricultores criticam atuação das empresas públicas neste setor.

OFF 11: O protagonismo da agroecologia no Brasil é dos movimentos sociais e ONGs que atuam no campo como o Centro de Estudos de Promoção de agricultura de grupo. A ONG é a articuladora da Rede Ecovida no Litoral Catarinense

OFF 12: A Epagri TINHA um projeto de assistência técnica específica para Agroecologia QUE operou de 98 à 2008. Atualmente a empresa tem ações pontuais neste ramo agrícola, mas não existe um projeto Permanente para o setor.

OFF 13: A assistência técnica no campo é fundamental para o agricultor que quer deixar o sistema convencional de cultivo e fazer a transição para a produção de orgânicos. Mas para que a propriedade permaneça no conceito agroecológico é necessário que o produtor desenvolva uma consciência ambiental.

## **Agroecologia na cidade**

Roteiro reportagem: agroecologia na cidade

Abre com depoimentos

Off 1: Florianópolis // a capital com o melhor índice de desenvolvimento

Humano do Brasil // é aqui que vamos mostrar que cidade não é só poluição e

Produção de insumos //

Passagem: a qualidade de vida e as belezas naturais atraem milhares de

Pessoas todos os anos para Florianópolis / mas afinal / o que faz com que a

Nossa capital seja tão boa para se viver?

Off 2: no programa de hoje vamos mostrar que não é só de belas praias que vive

A nossa ilha // vamos mostrar uma cidade que produz seus próprios alimentos //

Roda vinheta

Off 3: estamos no parque cultural do Campeche, o Pacuca // aqui a população é

Convidada a plantar em uma horta comunitária urbana, tudo no sistema

Agroecológico //

Sonora deivid: “então a ideia realmente é essa...que as pessoas se sintam  
Realmente cidadãs né?!”

Off 3: por aqui tem um espaço onde a população pode deixar os orgânicos que  
Antes iam parar nos aterros sanitários, poluindo o solo e gerando custos para  
Os cofres públicos // aqui o que era resto de comida ganha vida...aliás, gera  
Vida... Retorna para a natureza como vitamina para as plantas // marquito é  
Vereador da cidade e um dos precursores do plano municipal de agroecologia //  
E as iniciativas estão aí, na sua comunidade //

Sonora marquito: “então é um plano que teve como referência...para o plano  
Municipal de agroecologia e produção urbana ”

Off 4: e o plano municipal de agroecologia elaborada em florianópolis é um  
Projeto exclusivo, com a cara da cidade //

Sonora marquito: “ele dialoga com as agriculturas tradicionais... E esse adubo  
Voltar para agricultura”

Off 5: reduzir o que pode ser aproveitado // júlio faz parte do cepagro, centro  
Estudo e promoção de agricultura de grupo, uma ong que estimula cada vez  
Mais a produção de alimentos livre de defensivos e tem o cuidado para que apenas  
O necessário seja realmente considerado lixo //

Sonora júlio: “quando a gente tem 50% de resíduos...que faz com que as plantas  
Também venham com qualidade”

Sonora marquito: “hoje florianópolis produz...através do composto disponível,  
Né?!”

Off 5: e é justamente a compostagem que dá a base e faz com que a agroecologia  
Seja muito mais do que apenas não utilizar defensivos agrícolas // todo o ciclo  
De cuidado com a natureza e os impactos que a agricultura pode trazer ao solo  
São levados em consideração //

Sonora júlio: “quando a gente trata da gestão...como tem geração de renda...”

Off 6: as iniciativas podem ser pequenas // viemos até a casa do rafael, na lagoa Da conceição // mesmo morando em um apartamento, ele fez de sua sacada uma Verdadeira horta // e é tudo orgânico //

Sonora rafa: “eu comecei minha plantação faz...vira a ser bacana”

Sobe som

Off 7: e quando essas iniciativas tomam proporções maiores? A produção em Larga escala // dona sônia começou a produzir por hobby, quando viu seu maior Prazer virou um negócio // hoje ela complementa sua renda produzindo e Comercializando alimentos orgânicos /e tudo isso aqui, na cidade //

Sonora sônia: “eu iniciei orgânica há quase 12 anos atrás...sempre orgânico”

Off 8: seja como hobby, como negócio como política...o que une todos esses Depoimentos é a vontade de preservar o que é bom // mostrar para sociedade Que a preservação da natureza e a manutenção de uma sociedade mais humana, Mais cooperativa vai ser a produção mais valiosa num futuro que não está Muito longe //

Entra gc's







